

O Desporto e a Motircidade Humana: Teoría e prática

Dr. Manuel Sergio Vieira e Cunha

Docente agregado de Motricidad Humana
Universidade Técnica de Lisboa.

m.sergio@netcabo.pt

Alfredo Laverde



O Desporto e a Motricidade Humana

Teoria e prática

Manuel Sergio Vieira e Cunha

RESUMEN

El autor da cuenta en este artículo del proceso de teorización que adelanta, desde su tesis doctoral, sobre la existencia de una ciencia de la motricidad humana que, trascendiendo la educación física, parte de un posicionamiento del sujeto de estudio como persona, como ser humano. Proceso que lo lleva a adentrarse en debates que siguen teniendo actualidad en la investigación social como la relación teoría-práctica, la diferencia metodológica entre ciencias naturales y humanas, la diferencia entre las ciencias naturales típicas, las ciencias hermenéuticas y las humanidades. Totalidad, conocimiento científico, rigor, inteligibilidad y universalidad se convierten en categorías que sustentan su argumentación. Rosseau, Hume, Marx, Husserl, Heidegger, Marcuse, Adorno, Ricoeur, Rorty, Blondel, entre otros, pléyade de obras tratadas que anuncian el amplio esfuerzo epistémico hecho por Manuel Sergio. A partir de nodos claves y asideros conceptuales, el au-

tor, establece un tratamiento crítico y sistémico que le permiten configurar una visión \ representación del campo de la motricidad humana.

PALABRAS CLAVES

Ciencia, episteme, ideología, profesión, cuerpo, dialéctica, positivismo, hermenéutica, cibernética, complejidad, caos, motricidad humana, educación física, gimnástica, paradigma, método, espectro, trascendencia, conciencia, autonomía, verdad, disciplina, conducta, emancipación, ser humano, fenomenología, estructuralismo, dialéctica, fractal.

ABSTRACT

The author hereby describes the theorizing process of his doctoral thesis, on the existence of a human movement science that beyond physical education, starts by positioning the individual as a person,

and as a human being. This process makes him go deeper on current discussions followed on social reasearch, such as those related with theory-practice, the methodological difference between natural and human sciences, the difference between natural sciences, hermeneutics and humanities. Totality, scientific knowledge, severity, intelligibility and universality become categories that support his argumentation. Rosseau, Hume, Marx, Husserl, Heidegger, Marcuse, Adornment, Ricoeur, Rorty, Blondel, among others, work Pleiad studied that announces the ample epistemic effort made by Manuel Sergio. From key nodes and conceptual basis, the author establishes a critical and systemic treatment that allows him to form a vision \ representation of the field of human movement.

KEY WORDS

Science, episteme, ideology, profession, body, dialectics, positivism, hermeneutics, cybernetics, complexity, chaos, human movement, physical education, gymnastics, paradigm, method, phantom, importance, conscience,

autonomy, truth, discipline, conduct, emancipation, human being, phenomenology, structuralism, dialectics, fractal.

Podemos começar com Lukács: "o domínio da categoria de totalidade é o portador do principio revolucionario da ciencia"¹. Por isso, qualquer teoria (ou prática), por si só, nao passa de um tremendo embuste. Mas também "praxis sem teoria(...) tem que fracassar"². Quando ousei adiantar á minha maneira e através de urna tese de doutoramento, a existencia da ciencia da motricidade humana, logo insistí na diferenca metodológica entre ciencias naturais e humanidades. Karl-Otto Apel afirma, sem subterfugios: "existe urna diferenca de interesse cognitivo entre as ciencias naturais típicas (que estão interessadas em explicação causal, nomológica ou estatística) e as ciencias hermenéuticas, as huma-nidades"³. Se trabalhamos com pessoas (e nao com físicos) é evidente que é ao nivel do humano que a impropriamente denominada Educação Física se situa e onde decorre. E trabalhamos (e estudamos) o humano, em que situação específica? Karl-Otto Apel denuncia "os que

¹ Lukács, G.: *Historia e Consciência de Classe*, Escorpião, Porto, 1974, p.41

² Adorno, T.: *Stichworte*, Suhrkamp, Frankfurt a.M., 1980, 176

³ Apel, K.-O.: in revista *Estudos Avançados*, USP, vol.6, n°14, S.Paulo, 1992, p.172

tentara fazer historia da ciencia apenas através de explicagões externas"⁴, sem ter em conta os paradigmas que distinguem as diversas ciencias. Nao há ética no discurso, se nao se é radical na teorizacão de que nos ocupamos.

Sabendo-se embora que o pressuposto metodológico nao é mais o "eu pensó", mas o "eu argumento", nunca nos é lícito desistir, no conhecimento científico, do rigor e da universalidade. E nao há rigor nem universalidade, quando desconheço o paradigma científico que fundamenta mediatamente a minha argumen-tagão e afinal o meu estudo e a minha profissáo. Nao deixo de referir, neste momento, que uso o termo "paradigma", no sentido em que Thomas Kuhn o criou, ou seja, para mim, um paradigma é urna realizacão científica unversalmente reconhe-cida que, durante algum tempo, forneceu modelos de problemas e de solucões, para urna comunidade de profissionais. E assim, ao tentar criticar epistemologicamente a Educagáo Física, quero eu dizer: ao tentar encontrar a sua inteligibüidade, para além das analogías sociológicas e políticas e de urna tradicáo petrificada, foi o ser humano, no movimento intencional da transcendencia (ou superacão) que me surgiu na cons-trucáo do sentido do conteúdo - o

ser humano que é simultâneamente corpo mente-desejo-natureza-sociedade e nao físico apenas, partindo daí para a elaboracão teórica e conceptual. Repito-me: ao precisar o paradigma da Educagáo Física e ao concluir que esta expressáo carece de rigor científico (ela é urna tradigáo, um capricho corporativista ou urna imposigáo do Poder) depressa também inferi que, nesta área do conhecimento, um investigador que apenas se interesse pela consideragáo dos dados empíricos, sem a preo-cupagáo de reuni-los num paradigma, dificilmente poderá aspirar á inteligibüidade, dado que é inteligível o que está em concordancia com a lógica e nos é esclarecido pelo paradigma. No meu entender, o que a inteligibüidade sublinha, sobre o mais, é que existe um caminho próprio da teoría e que, segundo criterios racionáis, é possível encontrá-lo.

No entanto, eu nao esquego nunca as palavras hauridas em Marx: "Nao é a consciência que determina a vida; é a vida que determina a consciência" (A Ideología Alema), ou seja, as formas da consciência, as ideias, as representagões nao têm urna historia dissociada dos homens, das suas lutas e das suas condigões de produgáo. O ser do Homem é o seu processo da vida real. Compete, por

⁴ *Idem, ibidem, p.1/3*

isso, ao filósofo construir, como diria Marcuse, uma "filosofia concreta", quer dizer, uma filosofia intimamente relacionada com a vida humana e que não se resume a uma teoria do conhecimento. Ora, o que determina, em primeiro lugar, o ser humano é a acção, é a motricidade humana, precisamente aquilo que a Educação Física pretende estudar e trabalhar, sem redefinir a acção numa reflexão teórica. Poderíamos escutar, neste passo, a voz autorizada do notável pedagogo Lauro de Oliveira Lima: "A prática pedagógica, em toda a parte, no Japão ou na Patagonia, tem que passar a modelar por um processo (técnica) que estimule o desenvolvimento da inteligência das crianças, a partir da sua motricidade. Piaget mostrou que, enquanto a motricidade evoluiu a partir do útero até à idade adulta, a percepção do recém-nascido praticamente já nasce perfeita"⁵.

Mas temos que partir do pressuposto "de que o conhecimento é sempre contextualizado pelas condições que o tornam possível e de que ele só progride na medida em que transforma em sentido progressista essas condições"⁶. Por isso, todas as ciências há-de ser ciências críticas, como se torna evidente numa democracia de

qualidade, que apela as reformas políticas onde a revalorização da ciência e da cultura as assume lugar indiscutível. O novo tipo de organização social deverá, por seu turno, antepor ao cientismo conformista e pretensamente neutral uma cultura que implante, na própria comunidade científica, a luta contra o que há de espectral (na feliz palavra de Antonio Sergio) nessas crengas, nos sentimentos, nessas ideias, de hoje. A cientificação da motricidade humana excluí, por isso, os portadores de mentalidades fósseis, os que obedecem servilmente aos espectros dominantes. E os partidários de uma ciência sem formação filosófica, já que saber não significa tão-só analisar (o conhecimento cartesiano fundamentava-se em exclusões mútuas e em recíprocas ignorâncias), mas também inteligir o todo que permite compreender as partes desse mesmo todo. A ciência da motricidade humana, como ciência do homem, não pode também prescindir da filosofia, dado que não pode esconder nunca que é um verdadeiro projecto antropológico. O conhecimento (e a motricidade revelado radicalmente) não é um puro exercício da razão, mas uma relação entre a razão e a vida, entre o corpo e o mundo.

⁵ Lima, Lauro de Oliveira: *Pedagogia - transformando ou renovando*, Brasiliense, S.Paulo, 1982, p.75

⁶ *Idem, ibidem*, p.183

Maurice Blondel, o filósofo da acção, observa: "eu ajo, mesmo sem saber o que é a acção, sem ter desejado viver, sem conhecer ao certo nem quem sou, nem mesmo se sou"⁷. Numa lógica de desenvolvimento, há um dinamismo interno que nos permite avançar da gnosiologia à ontologia, pois que a transcendência é o processo normal de um ente cuja estrutura essencial é a consciência da incompletude e a vontade de superá-la. A desproporção entre o que se é e o que se quer ser é um apelo incessante à transcendência, no duplo sentido de superação e reconhecimento da vida espiritual. Werner Heisenberg, nas suas Obras Completas, sob o título A Ordem da Realidade, declara: "A física e a transcendência constituem apenas áreas diversas da verdade única, que vão da esfera mais baixa, onde podemos ainda objectivar tudo, até uma esfera superior, em que o olhar se abre àquelas partes do mundo sobre as quais só se pode falar em metáforas"⁸. Em suma, se o ser humano concentra, em si, o corpo, o espírito, o desejo, a natureza, e a sociedade, ele só se torna verdadeiramente humano se é bem mais do que a soma das partes, ou seja, se nele o determinismo se transfor-

ma numa gestação inapagável de desenvolvimento e liberdade. Alias, a lógica da motricidade humana é a acção da transcendência, a passagem, numa ascensão da vontade humana do determinismo à liberdade. E assim a consciência da incompletude não é sinal de deficiência, mas condição indispensável de desenvolvimento humano.

Maurice Blondel já recordava em L'Action (p.XVII) que é inadiável criar uma ciência da acção. Uma ciência, qualquer que ela seja, só se constitui efectivamente como corpo de conhecimentos e resultados, a partir do momento em que seja possível sustentar que "o sistema de produção que a produz já construiu o seu próprio objecto teórico"⁹. O nosso objecto teórico, a conduta motora (ou acção), é afinal a motricidade humana. Por outras palavras: é a complexidade humana, perseguindo a transcendência e visando o desenvolvimento humano. O ser humano encontra-se diante de uma opção decisiva: sim ou não ao desenvolvimento humano, isto é, à educação, à saúde, ao lazer, à liberdade, à igualdade, à solidariedade... para cada um de nós e para todos? Sim ou não à igual dignidade

⁷Blondel, Maurice: *L'Action, Essai d'une critique de la vie et d'une science de la pratique*, PUF, Paris, 1973, p.VII

⁸ in Dürr, Hans-Petter, *Da Ciência à Ética*, Instituto Piaget, Lisboa, 1999, p. 127

⁹ Seda Nunes, A.: *Questões Preliminares sobre as Ciências Sociais*, Gabinete de Investigações Sociais, Lisboa, 1976, p.9

de todos, no aprofundamento dos direitos e liberdades fundamentais, no combate as desigualdades e exclusão e na promogão de um espirito de comunidade universal, baseado na solidariedade? Se avancarmos o "sim", a motricidade humana vivera o percurso infinito da complexidade (corpo-mente-desejo-natureza-sociedade) no sentido do desenvol-vimento humano. E sem grande dificuldade se reconhece que é ciencia do homem e fundamenta urna "filosofia integral", pois que o conceito de humanidade, á luz da motricidade humana, nao se esvai numa nuvem de abstraccões, nao se refere apenas ao Ser e ao Logos, mas principalmente ao Acto e á Relagão.

Ao primado do cogito, onde a motricidade humana é simples títere dos imperativos da Razão, a ciencia da motricidade humana assevera que a motricidade é um dos elementos da complexidade humana, ao lado, por exemplo, do pensamento puro racional. Acontecerá o mesmo com o corpo cyborg? Quero eu dizer: encontraremos nele também a certeza de que o pensamento é ao mesmo tempo conhecimento e acgão? "Mas o que é um cyborg? É um organismo cibernético, como o seu nome indica (cybernetic organism). E o que é um organismo

cibernético? É um híbrido de humano e de máquina. Um composto bio-técnico. Urna parte é dada; outra é construída - é um intermedio artificial-natural (...). Nem macho, nem fêmea, o organismo cibernético é um género intermediario, auto-reprodutor. Ele nao opõe as partes á totalidade e nao sonha com urna totalidade reencon-trada, nem com um Èden a recuperar, ele nao tem o sentimento do pecado nem da homogeneidade, mas é heterogéneo, múltiplo, sem intengão totalitãria e com a possibilidade de ser conectado a outros cyborgs, nao manifestando nenhuma repulsa pelas hibridagões e misturas de todo o género"¹⁰. Maria Teresa Cruz diz muito, em pouco: "Mais do que urna possibilidade particular, realizada ou ficcional, o cyborg surge assim como um nome para urna nova ontologia -a da vida penetrada pela técnica"¹¹.

Nasce com o cyborg um corpo desfigurado ou desumano onde nao se diferencia a distingão homem-má-quina ou natureza-técnica. Na esteira de Foucault, é mister acrescentar que, urna vez mais, podemos determinar historicamente o cyborg, num tempo de predominancia tecnológica e em que, por isso, se rejeita ou renega qualquer construgão teórica que nao seja imediatamente percep-

¹⁰ Cruz, María Teresa: *in O Corpo na Era Digital, Departamento de Educacão Médica da Faculdade de Medicina de Lisboa, 1999, p.134*

¹¹ Cfr. Braganca de Miranda, José A.: *in op. cit, pp. 192 ss.*

donada e corporizada? Só que os modelos nao esgotam nunca a realidade e, mesmo em período pós-natural ou artificial, como o nosso, o pós-natural é sempre um dos aspectos da complexidade humana. O próprio culto da informalidade e da transgressão (é a insubmissão o motor do progresso) nao se identifica com o desconhecimento de que, no ser humano, o mundo das interfaces sublinha o estatuto do corpo como facto cultural e portante muito para além de um diagnóstico técnico e tecnológico. O corpo pulsional, secreto, expressivo, espiritual, criador, etc. nao cabe tão-só numa arquitectura onde os números se reproduzem. Por consequência, a motricidade (o corpo em acto, repito) nao deverá estudar-se apenas a urna luz científico-natural (nos termos clássicos), porque tudo é híbrido, tudo é físico e metafísico, o próprio corpo é utópico¹². Demais, os limites do corpo nao têm fronteiras. Daí, a dança; daí, o facto de um "corpo ensinado" e um "corpo que ensina"; daí, um corpo cyborg e um corpo fractal; daí, o corpo omnipresente em tudo o que entendemos como origem, natureza e destino. Até no sonho. "Nao devemos esquecer que o ser humano tem, provavelmente, tanta

necessidade de sonho como de realidade, pois é a esperança que dá sentido à vida"¹³.

Mas a motricidade humana é também um processo dinâmico de aquisição do saber. Se há urna concordância nítida entre debilidade motora e debilidade mental, sao íntimas necessariamente as relações entre pensamento e motricidade. Heidegger escreveu, no *Ser e Tempo*, que Descartes, com o cogito ergo sum, pretendeu atribuir à filosofia "um campo novo e seguro"¹⁴. Mas nunca entendeu que a consciência é materia também. Para Descartes pensar equivalia a pensar-se e o conhecimento circunscrevia-se a um subjectivismo extremo. Com efeito, o ser humano só consigo mesmo se relaciona devidamente. Ele é sujeito, subjectum e deve estar subjacente ao conhecimento de tudo o que o rodeia. E assim a estrutura da subjectividade (como consciência do eu e consciência do objecto) anuncia já, em Leibniz, a redução hegeliana do real ao racional. Por seu turno, "o humanismo é, no fundo, a concepção e a valorização da humanidade como capacidade de autonomia (...). O homem do humanismo é aquele que já nao deseja receber as suas nor-

¹²Jacob, Francois: *O Jogo dos Possiveis*, Gradiva, Lisboa, 1981, p.137

¹³Sfez, Lucien: *A Saude Perfetta - Crítica de urna utopia*, Instituto Piaget, Lisboa, 1997, p.281

¹⁴Heidegger, M.: *Sein und Zeit*, Niemeyer, tradueão para o francês de E. Martineau, Authentica, Paris, 1985, p.40

mas e as suas leis, nem da natureza das coisas (Aristóteles), nem de Deus, mas que as cria ele mesmo, a partir da sua razão e da sua vontade"¹⁵. Nasce, aqui na expressão de Lipovetsky, a "leucemização das relações sociais"? E o mesmo autor observa: "A luz é severa - o progresso das Luzes e da felicidade não andam a par, a euforia da moda tem como corolário o abandono, a depressão, a perturbação existencial. Há mais estímulos de todo o tipo, mas inquietação, mais autonomia, mas mais crises íntimas. Tal é a grandeza da moda que remete cada vez mais o indivíduo para si mesmo, tal é a miséria da moda que nos torna cada vez mais problemáticos para nós mesmos e para os outros"¹⁰.

E, pelo que atrás se escreveu, não será de surpreender que David Hume tenha erguido a ciência do homem a fundamento das demais ciências. É ele próprio a dizê-lo "Não existe nenhuma questão importante cuja solução não esteja compreendida na ciência do homem; não existe nenhuma que possa resolver-se, com

alguma certeza, se não conhecermos esta ciência"¹⁷. Mas tendo em atenção que "a mente é de tal forma modelada pelo corpo e destinada a servi-lo que apenas uma mente pode nele surgir"¹⁸ e que "propriedade e capacidade de acção estão também inteiramente relacionadas com um corpo, num determinado instante e num determinado tempo"¹⁹. O biólogo Brian Goodwin refere também que "cada espécie possui a sua própria natureza, as suas próprias características. O que os organismos fazem é exprimir um tipo particular de ordem e de organização, que se situam no âmago do seu próprio ser. Todos os organismos são basicamente equivalentes, porque todos fazemos parte do mesmo processo, como Darwin descreveu. O que não surge claramente no darwinismo é a noção de que a evolução é a expressão da natureza própria dos organismos, de modo que devem ser valorizados pelo seu ser e não pela sua função"²⁰. Ora, o ser humano é simultaneamente natureza e cultura. Pela cultura, ele procura a criatividade

¹⁵ Renaut, Alain: *A era do indivíduo - contributo para uma história da subjectividade*, Instituto Piaget, Lisboa, 2000, p.50

¹⁶ Lipovetsky, G.: *L'Empire de Véphémère, la mode et son destin dans les sociétés modernes*, Galimard, Paris, 1987, p.337

¹⁷ Hume, D.: *Traité de la nature humaine, I*, trad, por A. Leroy, Aubier, Paris, 1977, p.59

¹⁸ Damasio, A.: *O sentimento de si*, Publicações Europa-America, Lisboa, 2000, p.172

¹⁹ *Idem*, *ibidem*, p. 175

²⁰ Goodwin, Brian: "A biologia é uma dança", in Brockman, John (org.): *A Terceira Cultura, Temas e Debates*, Lisboa, 1998, p.91

e a liberdade. Rousseau, em *Le Contrat Social*, refere que "a liberdade é a obediência á lei que prescrevemos a nos mesmos"²¹. Só que não há autonomia absoluta, porque a emergencia do sujeito autónomo decorre num mundo de interacções complexas e multidimensionais que a cultura e a sociedade supõem. O ser humano é interdependente e autónomo, em busca permanente do que não tem, do que não é. A aspiração á transcendência, á superação é própria de um ser que é súrtese de acto e potencia, de ordem e desordem, de repouso e movimento, de essência e existencia. E assim matéria, vida e consciência não são substâncias distintas, mas modos diversos da temporalização e corporização da complexidade humana.

A motricidade humana, donde nascem o desporto, a dança, a ergonomia, a reabilitação, etc., é indiscutivelmente uma ciência do homem, ao lado da história, da antropología, da psicologia, da medicina, etc. Todos sabemos o que Henri Laborit escreveu, com a sua prosa elegante e sobria, no *Éloge de la Fuite* (Galimard, Paris): "As ciências humanas comecam na molécula para terminarem na organização das sociedades humanas, no planeta". E, para estudá-las, quero eu dizer: para

pesquisá-las e experimentá-las, sem o obsoleto cunho positivista, importa reagrupá-las em tres grandes sectores: a compreensão das pessoas, onde o corpo, o desejo, o pensamento invocam o estudo necessário da biologia, da psicologia, da ciência da motricidade humana, da antropologia e da filosofia; a compreensão da sociedade, onde coabitam principalmente a economia, a politica, a sociologia e a ideologia; e a compreensão da dinamica da vida social, através designadamente da geografia, da história, da religião e da ecologia. Mas, de que serve uma análise da realidade social e humana, centrada tão-só numa severa e serena especulação intelectual? Toda a vida humana é motricidade esclarecida por valores, em função do sentido que se pretende conferir ao ser humano e á sociedade. E assim é conhecimento ideal e prática social e material. A motricidade humana, de facto, assim o confirma e acentuando que "tanto de um ponto de vista filogenético como ontogenético, a diferenciação, elaboração e apuramento das estruturas cognoscitivas (formais) é levado a cabo sobre a base de uma actividade humana prática, transcognoscitiva ou antecognoscitiva, no sentido elaborado, preciso e dialéctico do termo"²². A conduta motora (ou accão)

²¹ Rousseau, J.J.: *Le Contrat Social*, Garnier-Flammarion, Paris, 1965, p.56

²² Barata-Moura, José: *Para uma crítica da filosofia dos valores*, Livros Horizonte, Lisboa, 1982

desenvolve-se, no trabalho, no lazer, na educação, menos com lógica do que com história. Com efeito, "a história é de facto o reino da inexactidão. Porque é projecto de transcendência, porque é urna aposta existencial. Quando J. Monod considera o projecto como urna das propriedades essenciais dos seres vivos, "não faz mais do que sublinhar este carácter fundamental do comportamento, consistindo em ser polarizado para um fim, simultaneamente interno e externo ao organismo"²³.

Investigar a motricidade humana pressupõe inter e multidisciplinaridade, tendo em conta o que os cientistas sociais (e lembro o livro *Le métier de sociologue*, de Pierre Bourdieu, J.C. Chamboredon e J.C. Passeron) chamam "hierarquia dos actos epistémológicos", ou seja, a ruptura, a construção e a verificação. A ruptura, ou o primeiro acto de investigação científica, iniciase, em relação à educação física, com a ciência da motricidade humana. Mas, "esta ruptura só pode ser efectuada a partir de um sistema conceptual organizado, susceptível de exprimir

a lógica que o investigador supõe estar na base do fenómeno (...). Sem esta construção teórica, não haverá experimentação válida"²⁴. Ora, a educação física (enquanto disciplina autónoma) só alcança urna construção teórica válida, se se apresentar como a pedagogia de um novo campo do conhecimento. A ciência da motricidade humana satisfaz plenamente este quesito fundamental: porque organiza o conhecimento e porque representa um salto qualitativo, em relação ao dualismo e mecanicismo, racionalistas. Por fim, "urna proposição só tem direito ao estatuto científico, na medida em que pode ser verificada pelos factos. Este teste pelos factos é designado por verificação ou experimentação"²⁵. E o que se investiga, nesta ciência? Não é um movimento qualquer, mas accões, isto é, movimentos intencionais e, portanto, com significação e sentido. E, se o ser humano é corpo-mente-desejo-natureza-sociedade, a investigação há-de conter urna base empírica. De facto, para ressaltar dela um significado prático, a empiria de ve estar presente.

²³ Ricoeur, Paul: *Historia e Verdade*, Companhia Editora Forense, Rio de Janeiro - S.Paulo, s/d, p.79

²⁴ Boutinet, Jean-Pierre: *Antropologia do Projecto*, Instituto Piaget, Lisboa, 1996, pp. 299-300

²⁵ Quivy, R.: *Campanhuda, Lue Van: Manual de Investigação em Ciências Sociais*, Gradiva, Lisboa, 1998, pp.27-28

Concentrando, desbastando, de- tracáo da verdade), que declara a purando os varios "enfoques" impossibilidade de procurar-se a (perdoem-me o brasileiro) sobre a verdade, ao arrepio do que é investi-gacáo ñas ciencias do homem, empíricamente verificável. Que o sou em crer que deverei realçar quatro: mesmo é dizer: o conhecimento cien- do do positivismo, o da fenomenología, o tífico reduz-se á experiencia sensorial. do marxismo e o do estruturalismo. Mas vaimais longe o positivismo: Augusto Comte (1798-1857) foi o propóe urna unidade metodológica, na fundador do positivismo. Toda a sua investigacáo dos dados naturais e obra ficou indelevelmente marcada por sociais. Carnap e Neurath, umbi- quatro preocupacões fundamentáis: licalmente unidos ao Círculo de Viena, urna filosofia da historia, expressa na lei vão ao ponto de procurar urna dos tres estados (o teológico, o linguagem única, para todo o tipo de metafísico e o positivo); urna funda- conhecimento científico. O fisi- calismo mentacáo e classificacáo das ciencias (assim se denominava esta variante da (matemática, astronomía, física, quí- grande escola positivista) pretende mica, fisiología e sociología); a criacáo reduzir toda a linguagem científica á de urna disciplina que estudasse os linguagem da física - esta, no seu factos sociais, a sociología que ele, num entender, a mais perfeita de todas as primeiro momento, denominou física ciencias. Tanto a teoria das ciencias social; a proclamacáo de urna religião positivistas, como a tépida generosidade universal onde o culto da amizade da sua religião, morreram já. Em atingisse os mais louváveis extremos e Portugal, por exemplo, finda a os capitalistas se apiedassem do Monarquía, a República identificou-se proletariado de modo a findarem as com o positivismo. Teófilo Braga, o lutas de classes. Poderemos distinguir primeiro presidente da República, é o tres momentos, na evolucion do director, com Julio de Matos, entre 1878 positivismo: o positivismo clássico, o e 1882, da revista **O** Positivismo que se empiriocriticismo e o neopositivismo constituiu como orgáo difusor das ideias (este, por sua vez, compreendendo urna positivistas. Sampaio Bruno (recordam- serie de matizes, tais como: o se de **O** Brasil Mental?) e Leonardo positivismo lógico, o empirismo lógico, Coimbra (desig-nadamente ñas páginas o atomismo lógico, a filosofia analítica e de **O** Cria- cionismo) anunciaram o o neobehaviorismo). esgotamento do positivismo, em Portugal.

O positivismo, na sua globalidade, sempre manifestou urna rejeicáo incontrolada da metafísica. O positi- vismo lógico formulou o célebre principio da verificacáo (demon-

A fenomenología gozou de vasto aplauso, pouco tempo antes e depois da Segunda Guerra Mundial. O existencialismo déla nasceu. E o que é a fenomenología? É "a doutrina uni-

versal das essências, onde se integra a os não compreenderam algumas ciência da essência do conhecimento"²⁶. E assim "retornar as coisas os não quiseram compreender os mesmas", imprimindo á investigação conser-vantismos de todos os filosófica, em oposicáo ao espirito de quadrantes. Os livros destes tres pen-sistema, um novo impulso que sadores foram os fantasmas de privilegie a **intenciona-lidade** e o cabeceira dos que pretenderam **vivido**. O **a priori** fenomenológico é o adentrar-se na teorizacáo do sistema **vivido** e nao as abstraccóes típicas do capitalista. Podemos distmguir, no sistema. "Percebe-se da análise dos marxismo, tres aspectos marcantes: o conceitos fenomenológicos que em materialismo dialéctico, o materialismo nenhum momento esta corrente do histórico e a economia política. O pensamento está interessada em co-materialismo dialéctico é (perdoem-me locar em relevo a historicidade dos o rápido esboceco) a base filosófica do fenómenos. A busca da essência, isto é, marxismo. Algumas categorías dele o que o fenómeno verdadeiramente é, emergem, principalmente: a depois de sofrer um isolamento total, materialidade do mundo, a dialéctica, a urna reducáo (...) carece de toda totalidade, a contradigáo, a teoríia do referencia que nao seja a da sua pureza reflexo e a prática social como criterio como fenómeno, de modo que o de verdade. O materialismo histórico é a componente histórico, que táo pouco ciencia do marxismo e estuda as leis interessava ao positivismo, nao é tarefa que caracterizam a Natureza, o Homem, que preocupe o pesquisador que se a Sociedade e a Historia. Nele, nao se movimenta orientado pelos principios pode confundir o **conhecer** e o ser, mas da fenome-nologia"²⁷. A fenomenologia há urna dialéctica que os une, dado que descreve a realidade, sem pensar na o conhecimento reflecte as mudancas e regulagáo e trans-formagáo do objecto as transfor-magóes, que se processam apresentado. Embora o conhecimento na Sociedade e na Natureza. No entanto dependa também, para esta escola só se conhece verdadeiramente, dentro filosófica, do mundo **vivido** e da cultura de urna estrutura de totalidade. Urna do sujeito cognoscente. Do marxismo o visáo imediata do real suscita o que posso eu acrescentar que nao se fragmentario, o parcelar, o disperso. saibajá? A Marx (1818-1883), Engels (1820-1895) eLenine (1870-1924) só

Todo o real se constituí e determina, dentro de um tecido complexo

> Husserl, Edmund: *A ideia de fenomenologia*, Ediçóes 70, Lisboa, 1986, p.22 ⁷ *Idem, ibidem*, p.28

de relações e determinações, que formam uma totalidade, a qual, por seu turno, as transcende na sua imediatez e singularidade. O individual distingue-se, de facto, da totalidade. Mas não há indivíduos fora de um todo, assim como não há totalidade, sem elementos individuais. A perspectiva marxista é sempre totalizante e dialéctica. E, por isso, onde radicam contradições que testemunham não florescer, no seio das totalidades, a invariância ou a imutabilidade. No estruturalismo, como a própria palavra o sugere, predomina a estrutura, o sistema. A História, para o estruturalismo, não é carismática, é estrutural. Hoje, poderíamos adiantar a palavra complexidade para entender e tornar inteligível o sistema, a estrutura, a totalidade. A "ilusão jónica", afinal semelhante à de Einstein de que, numa qualquer situação cognitiva, o que nos rodeia e portanto ontologicamente fora de nós, pode permanecer inteiramente out there, independente e neutral, foi questionada, desde Kant com os seus a priori até Gerald Edelman. Este neurobiólogo adverte que "o que as coisas são", a ontologia, decorre dos nossos processos cerebrais de conhecimento²⁸. E, após os anos 70, "começou a desenvolver-se um novo estilo de abordagem epistemológica", que descobre a ciência "como uma

instituição social (...). O modo como o contexto ideológico, social, político interfere com a construção dos conhecimentos, mesmo os próprios conteúdos, passou a ser objecto de estudo privilegiado" do universo científico²⁹.

Assim, as ciências da natureza e as ciências sociais e humanas, possuindo embora uma insofismável autonomia, não evoluem senão em diálogo incessante. A complexidade assim o exige. A visão quantofrénica e positivista do Mundo sempre rotulou como "não científico" o que não pudesse ser expresso quantitativamente. Ora, no ser humano, uma vivência é bem mais do que as explicações da razão conceptual ou da racionalidade abstracta, como é de uso fazer-se com a matemática e a filosofia. Sou um modestíssimo filósofo, mas julgo poder acrescentar que são dois os polos da inteligência humana: um que privilegia a abstracção, a escolástica, o dogmatismo, a intolerância; o outro que visa a complexidade e tem, por isso, em conta a sensibilidade, o sentimento, o desejo, o amor, a beleza, o encantamento. Não basta saber fazer e saber dizer é preciso também saber viver. Talvez as expressões "grande razão" de Nietzsche e "razão vital" de Ortega y

²⁸ Edelman, Gerard: *Biologie de la Conscience*, Odile Jacob, Paris, 1994, p.385

²⁹ Triviños, Augusto N. S.: *Introdução à pesquisa em ciências sociais*, Atlas, S.Paulo, 1995, p.47

Gasset nos instalem, coní mais verdade, mima compreensão abrangente, ecológica e sistêmica do ser humano. É que este é o infinitamente complexo e não há microscópio ou telescópio que possam medi-lo (ou perscrutá-lo) inteiramente.

Mas não podemos descambar num frígido desânimo, se o pensamento sistêmico, encarado apressadamente, parece demasiado nebuloso, indefinido. É que uma abordagem da complexidade exige o conhecimento da totalidade, ou seja, apela a todos os métodos envolvidos numa investigação e, por isso, à análise e à síntese. Trata-se, como Edgar Morin não se cansa de referir, de distinguir e associar. De facto, só o sistema é real. Qualquer coisa, ou pessoa, tomadas isoladamente, não se compreendem nunca, com o mínimo de rigor (porque todas elas são momentos de uma totalidade em devir) sem deixar de ter em conta a multidimensionalidade de tudo o que existe e... sem deixar que o sistema despoticamente nos domine. E, se é permanente a dialéctica no real e todo o real é dialéctico - se tudo é assim, manifesto se torna o tetragrama: ordem-desordem-inter-acções-organização. "Este tetragrama não dá a chave do universo. Permite apenas compreender como funcio-

na. Revela-nos a complexidade. O objecto do conhecimento não é descobrir o segredo do mundo numa palavra-chave. É o de dialogar com o misterio do mundo"³⁰. Quando apresentei a minha tese de doutoramento, em 1986, já defendi o método integrativo, como método específico da ciência da motricidade humana, onde o desporto se integra, ao lado da dança, da ergonomia, da reabilitação, etc.: "O método a utilizar será o integrativo, isto é, fruto da convergência de métodos, os mais dispares. Tais como: o método histórico, o método biológico, o método fenomenológico, o método psicológico e psicanalítico, o método dialéctico e o método estrutural. Enfim, a compreensão e a explicação"³¹. É impossível isolar a pessoa (e afinal todo o ser vivo) do seu ecossistema, o indivíduo da sociedade e da natureza, o sujeito do objecto.

A motricidade humana, ou seja, o corpo em acto, é um espaço de signos e donde emergem a carne, o sangue, o desejo, o prazer, a paixão, a rebeldia, emoções e sentimentos do mais variado tipo. E tudo isto visando a transcendência, ou a superação. Mas, porque é transcendência, a conduta motora (a acção) acrescenta alguma coisa ao

³⁰ Morin, Edgar: in Pessis-Pasternak, Guitta, *Sera preciso queimar Descartes?*, Relógio d'Água, Lisboa, 1993, p. 85

³¹ Sergio, Manuel: *Para uma epistemologia da Motricidade Humana*, Compendium, Lisboa, s/d., p. 159

Mundo, através do inesperado, do novo, do insólito. No desporto, por exemplo, uma abordagem antipositivista (como Popper, Lakatos e Kuhn o fizeram em relação à ciência) solicita especialistas no método integrativo, designadamente os desportos colectivos, como já há um bom par de anos o afirmei. Também não devemos considerar desluzidos todos os trabalhos demasiados clausurados numa visão especializada do real. Quem estuda o ser humano encontra-se entre o uno e o múltiplo. Dai, a crise. Só que "a crise não é o contrário do desenvolvimento, mas a própria forma deste"³². Não entra no nosso plano refutar envelhecidos argumentos positivistas. A evolução do conhecimento científico por si os anula. Pretende-se, acima do mais, salientar que "importa procurar uma ontologia nova, na qual a categoria de relação assuma uma importância fundamental e se possa pensar independentemente do conceito de substância"³³. Dai, se é verdadeiro o objecto das ciências humanas, para Max Weber, "uma conduta orientada de forma significativa"³⁴, a ciência da motricidade humana (CMH) deverá, no meu modesto entender:

- Propor um corte epistemológico

(ou mudança de paradigma), no seio mesmo da educação física, através da CMH. De facto, a educação física, se bem que ainda não como ciência autónoma, nasce no século XVII (o livro *Pensamentos sobre a Educação*, de John Locke assim o atesta), como reflexo do dualismo antropológico racionalista, embora de modo mais nítido, com Guts Muths (1759-1839) que rompe decididamente com a ginástica, como o acentua Gustavo Pires, no livro editado pela Universidade da Madeira e pelo semanário "O Desporto Madeira", *Da Educação Física ao Alto Rendimento*. Michel Foucault, na *Microfísica do Poder* (Graal, Rio de Janeiro, 1996, p.200) aponta Ballexsert, com o livro, publicado em 1762, *Dissertation sur l'Éducation Physique des enfants*. Também Pestalozzi, nas suas Cartas sobre la educación de los niños (Pestalozzi, que viveu entre 1746 e 1827, li-o, na tradução castelhana da Editorial Porrúa, Mexico, 1986) utiliza, sem ambages, a expressão "educação física". É verdade que, nos seus primórdios, a definição de educação física visava objectivos que se relacionavam apenas com

³² Jorge, Maria Manuel Araújo: "A Física e os novos desafios filosóficos e culturais do nosso tempo", in *Revista Portuguesa de Filosofia*, Braga, Julho-Dezembro, 1998, p.539

³³ Morin, Edgar: *Pour sortir du XXe. Siècle*, Seuil, Paris, 1981, p.318

³⁴ Dinis, Alfredo: *Implicações Antropológicas de desenvolvimentos recentes em biologia e ciências cognitivas*, in *Revista Portuguesa de Filosofia*, Braga, Julho-Dezembro de 1998

a saúde, mas foi o anúncio de uma expressão que, mais tarde, isto é, no século XIX, se enriqueceria com um significado mais abrangente. Ubirajara Oro, professor da Universidade Federal de Santa Catarina (Brasil) tem, sobre este assunto, a opinião (abalizada, acrescentando-se) que, oralmente, vem exprimindo e que vai sujeitar a rigorosa pesquisa: "Está bem evidente, quando não explícito, na literatura, que **educagáo física** é uma expressão cujo uso só se adensou, a partir do século XIX, como fruto da pedagogização dos sistemas e métodos europeus de ginástica. Ou seja, inicialmente, **educagáo física** era o tema ou âmbito que ensinava a aplicação didática do conteúdo ginástico. Mais tarde, com a interdisciplinarização desse âmbito educativo, no currículo escolar, **Educagáo Física** passou a substituir **Ginástica**, como conceito macro. Portanto, a educação física, como âmbito pedagógico, precede e instrui a Educagáo Física, como disciplina curricular". J. Ulmann define a educagáo física como "a cultura sobre uma natureza" (**Corps et Civilization**, Vrin, Paris, 1993, pág. 48). Só que é preciso que a cultura seja anti-dualista e procure a complexidade, como a cultura hodierna o faz. O que não aconteceu até ao século XX, pois que a cultura não permitia uma visão do corpo que não visse

nele senão um objecto. É a fenomenologia que distingue, pela vez primeira, o corpo-objecto do corpo-sujeito. E a expressão "Educagáo Física" ressoa uma época em que o corpo era físico tão só. O corpo foi, é, será um produto socio-cultural. E a cultura actual é (re) declaradamente anti-dualista, contraditando o racionalismo clássico, desde o dualismo homem-Deus até ao dualismo corpo-alma.

- Fomentar a pluri, a inter, a transdisciplinaridade, de modo a evitar-se a fragmentação do saber. Mas, salientando, sobre o mais, a autonomia e nunca a dependência. Será de referir que cada modalidade desportiva tem uma lógica individual incontornável.
- Desenvolver o método integrativo, tendo em vista a criação de um pensamento complexo, multidimensional e referindo que toda a investigação empírica é dirigida por modelos interpretativos e esquemas conceptuais. Não deverá esquecer-se que a CMH, onde o desporto se insere, tem um paradigma: a energia para o movimento intencional da transcendência e, como tal, há um axioma fundamental na prática desportiva: a transcendência não é apenas atributo de Deus, porque é também uma dimensão essencial do ser humano. Uma competição desportiva deve ser entendida como o "oitavo dia da

criação", dado que, nela, o praticante é uma tarefa a cumprir-uma tarefa onde a transcendência inevitavelmente acontece...

- No entanto, o método integrativo deve ser a síntese de muitos métodos, incluindo o método hermenéutico. A hermenéutica, entendida como interpretação dos signos, sobretudo os signos da linguagem, foi desenvolvida por Dilthey, Heidegger, Gadamer e Ricoeur. Segundo Richard Palmer (cfr. *Hermenéutica*, Edições 70, Lisboa, 1989) a hermenéutica de Dilthey resume-se à conjugação de três palavras: "experiência, expressão e compreensão": a experiência pré-reflexiva, imediatamente vivida; a expressão partilhada, para ser cultural e histórica; a compreensão, onde a mente capta, sem mediações racionais, o sentido das partes no todo e do todo nas partes. A linguagem, como revelação do ser, tem em Heidegger o estatuto de verdadeiro mito de fundação do mundo, do homem e do conhecimento. É na função reveladora da linguagem que radica o ser. Em Gadamer (cfr. *Verdade e Método*), a linguagem desdobra-se diante de mim, pela força indomável dos textos escritos e falados, dos eventos históricos, etc. A experiência hermenéutica consiste na fusão linguística intérprete-interpretado, ou seja, o horizonte activo do intérprete e o horizonte interveniente da tradição. Para Ricoeur, há uma analogia nítida entre a análise dos textos e a das acções sociais, testemunhando ambos o mesmo grau de objectividade e de pertinência. A hermenéutica deverá ser um método a ter em conta na prática desportiva, onde a fusão de horizontes treinador-jogador, ou treinador-atleta, se converta numa única inteligibilidade possível, ou num consenso único, procedente do diálogo.
- Considerar que o mundo social consiste, principalmente, em acções (e em redes, designadamente em redes de comunicações) e, por isso, o especialista na CMH deverá, como o médico, estar presente em largos períodos da vida humana, quero eu dizer: no trabalho, no lazer, na educação e na saúde. O corte epistemológico, donde surge a CMH, representa o alargamento e aprofundamento de um campo profissional.
- Distinguir, no ser humano, não só o corpo, a mente, a natureza, a sociedade, mas também o indivíduo empírico e o sujeito ético-político. E que não se esqueça o desejo. A CMH não serve para castrar, mas para libertar o desejo.
- Surgir como um sinal de resistência ao irracionalismo da barbárie fascista, do dogmatismo neo-liberal e à semicultura do corporativismo

- e das tradições anquilosantes, dado que o ser humano, em movimento intencional, reflecte e projecta valores.
- Unir dialécticamente o conhecimento científico ao mundo da vida (é da aliança do saber e da vida que nasce a cultura), para que das ciencias possam emergir novos problemas, incluindo aqueles que habitam o imaginario social. E é preciso ainda que os objectos e problemáticas da CMH sejam semelhantes aos das varias disciplinas sociais. Por isso, importa, no desporto, passar da explicação á compreensão, pois que toda a conduta desportiva tem significação, interesse e valor. A própria realidade empírica, humanamente falando, é valor. No desporto, no meu modesto entender, deveria criar-se a noção de jogador, ou de atleta, ideal e, a partir daí, explicar e compreender.
 - Fazer da CMH um conhecimento-emancipação e onde, por consequência, a solidariedade esteja presente, designadamente em relação ao diferente. A intersubjectividade pressupõe a diferença (a diferença das varias subjectividades que a compõem).
 - Investigar a CMH como um sistema autopoietico, cuja base reprodutiva é o sentido da transcendência (ou superação) e, portanto, onde a unidade básica de análise é o acto comunicativo.
 - Observar o desporto, a dança, a ergonomia, a reabilitação, etc., como subsistemas autopoieticos (ou interpoieticos, visto que se desenvolverá na relação eu-tu) de comunicação, decorrentes da CMH. Em todos eles, deve tornar-se visível a construção social da pessoa e todos eles se encontram ligados, entre si, em três planos: observação recíproca, interpenetração e co-evolução.
 - Sublinhar, na CMH, o diálogo homem-mundo. "Sou para mim, sendo para o mundo", disse-o Merleau-Ponty.
 - Desenvolver métodos de treino psicofisiológico, já que a estrutura sistémica do ser humano (e portanto do atleta) a tanto obriga.
 - Estabelecer que, no treino desportivo, o volume, a intensidade, a estrutura (ou a forma de organização do exercício), a densidade, etc. não dispensam nem a consciência, nem o sentido do que se pratica. E, quando se fala em consciência, não se esquece a consciência moral que rejeita de certo a instrumentalização dos atletas a valores-fetiches, a especialização desportiva precoce e o recurso a fármacos que não se integram na verdade e na justiça inerentes á prática desportiva.
 - Adiantar a rejeição do termo preparação física, pelas mesmas

razões que nos levam a desaproveitar a expressão educação física. Mas há mesmo preparação física, independente de um modelo de jogo? Logo, a eficiência fisiológica pode alcançar-se dentro de um conceito de totalidade, onde a ciência e a consciência não se limitem aos gastos energéticos e neuromusculares.

- Consciencializar, como o Doutor Jorge Castelo o fez, no seu último livro, que "o exercício de treino deve ser entendido como um meio que promove a educação, a melhoria da saúde dos praticantes e a sua preparação para a vida, sendo de importância fundamental, tanto na etapa de formação, como nas etapas subsequentes até ao alto rendimento". (*O Exercício de Treino Desportivo*, FMH, Cruz Quebrada, 2003, p.93). Embora a dificuldade de concretizar-se tal desiderato em regime de alta competição...
- Sustentar, contra a cegueira ambiente, que "as finalidades e os valores têm de ser consubstanciados em políticas", como o refere, em livro de consulta obrigatória, para os homens do desporto, o Doutor Gustavo Pires

(Gestão do Desporto - Desenvolvimento Organizacional, Apoged, 2003, p. 87).

"Pode salientar-se, como fez Dewey, a importância moral das ciências sociais - o seu papel na ampliação e aprofundamento do nosso sentido de comunidade e das possibilidades abertas a essa comunidade. Ou pode salientar-se, como fez Foucault, a maneira como as ciências sociais serviram de instrumentos da sociedade disciplinadora, a conexão entre conhecimento e poder, mais do que entre conhecimento e solidariedade humana"³³. A humanidade do ser humano pressupõe uma nítida abertura a uma alteridade, quero eu dizer: à transcendência, quase sempre corporizada na pessoa doutro ser humano. É por isso imprescindível que a ciência se faça sinónimo de solidariedade e da esperança e, como tal, ensine também a viver. Quando nascerá um novo modelo de saber? Quando se transformará a ciência numa consciência do possível? A CMH pode ser um esboço ideal para que tal aconteça - como ciência humana, sem modelos matematicamente exactos, embora matematicamente rigorosos. "Compreender e fazer modelos correctos de comportamento económico seria simples, se

in Ricoeur, Paul: Du texte à l'action. Essais d'herméneutique II, Seuil, Paris, 1986, p. 190

as pessoas se comportassem como máquinas e fossem governadas por relações conhecidas de causa-efeito"³⁶. E o que se diz da economia poderá dizer-se outro tanto das demais ciências humanas. Por isso, José Gil, até na análise da dança, encontra no corpo do bailarino "uma multiplicidade de corpos virtuais"³⁷. A CMH não significa somente mudança de convicções (teoria), mas também mudança de atitudes (prática). Nela, portadora de um novo espírito científico, cada ser humano é um projecto infinito, onde o sentido da transcendência é a transcendência do sentido...

"No futebol, tal como na ciência, existiu a necessidade de dividir para melhor estudar e compreender. Assim nasceu e subsiste ainda, para o futebol, uma periodização (...) que tem imperativamente que dividir em: etapas, fases, ciclos, picos de forma, etc. e onde as diferentes dimensões que nele interagem: tática, técnica, psicológica, física e estratégica, são estudadas de forma isolada. Neste contexto, aparece também o estudo da recuperação, reflectindo-se a descontextualização deste aspecto, na operacionalização do treino". E, mais achante, Carlos Carvalhal, licen-

ciado e mestre em desporto e treinador de futebol, denuncia, com rápida precisão, a "doutrina matveiana (do russo Matvéiev) cujo treino assenta fundamentalmente na componente física"³⁸. Sirvo-me do futebol como exemplo, utilizando um livro de irrefragável lucidez, mas poderia trazer aqui livros semelhantes, também de notável precisão teórica, referindo-se a outras modalidades desportivas. O que pretendo ressaltar é que a CMH estuda o Homem como complexidade, em movimento incessante à transcendência. Complexidade significa a qualidade do que é complexo e, portanto, donde a incerteza, a ordem, a desordem e a organização ressaltam inevitavelmente; e onde todas as estruturas envolvidas, não só mutuamente se interpenetram e condicionam, como também apontam para uma instância prática de intervenção, já que e pela reorganização do conhecimento que poderá perspectivar-se uma nova prática.

"Eu considero impossível conhecer as partes sem conhecer o todo, assim como conhecer o todo, sem conhecer particularmente as partes"³⁹. Esta afirmação de Edgar

³⁶ McCarty, Marilù Hurt: *Como os grandes economistas deram forma ao pensamento moderno, prefácio de Jorge Braga de Macedo, Edição de Livros e Revistas Lda., Lisboa, 2001, p.150*

³⁷ Gil, José: *Movimento Total: corpo e dança, Relógio D'Água, Lisboa, 2001, p.44*

³⁸ Carvalhal, Carlos: *No treino de futebol de rendimento superior. A Recuperação é... muito mais que recuperar, apoio da Federação Portuguesa de Futebol, s/d., p.31*

³⁹ Morin, Edgar: *Pour sortir du XXe Siede, op. Cit. P.320*

Morin diz-nos que tudo é mais e menos do que a soma das partes e, por isso, no desporto, não pode haver predominio da dimensão física mas do modelo de jogo onde se realiza a relação todas as partes. Mas há que ter em conta, de igual modo, o princípio hologramático, ou seja, não é só a parte que está no todo, também o todo está na parte. E no preparo físico, técnico, tático, psicológico deve fazer-se presente, por consequência, o todo, o modelo de jogo, a educação tática dos futebolistas, uma atenção constante pela complexidade. Até uma jogada genial aflora sempre dentro de um quadro mais vasto que a justifica. Na minha tese de doutoramento, apresentei as três grandes leis (ou constantes tendenciais) da CMH: a lei do reflexo, a lei do género e a lei do génio⁴⁰. A lei do génio lembra-nos que nem tudo é sistema e a pessoa humana, se é indubitavelmente sistema, não pode reduzir-se a ele. Em Di Stephano, Pelé, Maradona, Cruyff, Platini e nos portugueses Eusébio, Matateu e Travassos, não encontramos a chave explicativa da sua classe tão-só nas virtudes do modelo preconizado pelo treinador, mas também no facto único e irrepetível que era o génio de cada um deles. A repetição sistemática, no treino, das várias fases do jogo visa, de facto, uma empresa colectiva que

o treinador motiva e planifica e que, no génio, porém, se exprime genialmente. O génio exprime o todo, a componente tática, que o treinador lidera e concebe, de forma sublime e única. E, assim como o heroísmo do herói pressupõe o não-heroísmo do meio, também o desportista genial precisa da normalidade dos colegas da equipa e da oposição dos adversários (oposição colaborante) para que o seu génio se revele.

Viktor Seluianov, professor da Academia Estatal de Cultura Física de Moscovo, afirmou ao jornal O Jogo (2001-06-26) que "os jogadores de futebol não estão entre a elite dos atletas de alto rendimento. Isso acontece, não porque falte aos atletas capacidade para tal, mas apenas porque não lhes é exigido que o sejam". E acrescentou, convictamente: "De um modo geral, tem-se em demasia. Ora, o primeiro passo será o de retirar do treino tudo aquilo que prejudica o atleta e o leva a lesionar-se com facilidade. O jogador deve passar a trabalhar menos, mas de forma mais correcta". E o que significa verdadeiramente, para ele, trabalhar de forma correcta? "Passar a utilizar os aparelhos dos ginásios, não apenas para ajudar a reparar lesões, mas acima de tudo para aumentar a performance do jogador. Quando fôr acó um plano para

⁴⁰ Cfr. Sergio, Manuel: *Um corte epistemológico - da educação física à motricidade humana*, Instituto Piaget, Lisboa, 1999, pp.222 ss.

urna época desportiva, fago-o baseado nos aparelhos de muscu-lação". A informação multimedial, disponível em rede e acerca do treino desportivo e tendo ainda em conta o conhecimento científico hodierno e a filosofia pluralista transcüstiplinar, não dão a razão toda a Seluianov. O praticante desportivo não é fundamentalmente fisiologia, mas complexidade que subjectivamente (ou intersubjectivamente) se revela. Não discuto o valor da musculação, duvido do seu lugar primacial no treino.

O neologismo fractal, criado pelo matemático Benoît Mandelbrot, na primeira edição francesa (1975) do seu livro *Les objets fractals - forme, hasard et dimension* - ou melhor: o mérito epistemológico essencial da geometria fractal reside na tentativa de demonstração da opacidade fundamental da estrutura do mundo, uma opacidade que já não dá ensejo à certeza absoluta das razões da geometria euclidiana e da mecânica clássica. "O mundo(...) está povoado de estruturas complexas que invalidam qualquer crença na simplicidade de elementos supostamente primordiais(...)". Para a geometria fractal, o fundo das coisas não existe; a natureza e não-

homogénea, na-isotrópica e infinitamente diferenciada na mais ínfima das suas parcelas, em qualquer escala de observação"⁴¹. O seu mérito está realmente em ter permitido caracterizar os graus ou níveis de irregularidade relativas, que marcam a heterogeneidade morfo-estrutural da matéria e do universo na sua totalidade. Para o treino desportivo, não há por isso um fundamento simples e único, mas um fundamento complexo que o treinador e o atleta entendam como uma rede de significações, já que cada uma das condutas motoras remete-nos sempre para outras condutas e até palavras e frases. Como Rorty nos ensina: "não se pode conhecer o que uma coisa é, independentemente das relações dessa coisa com outra coisa"⁴².

Antonio Fonseca e Costa, conhecido (e respeitado) treinador português de atletismo, aconselha assim os seus atletas: "Cada gota de suor tem de corresponder a um espaço de reflexão". No desporto, nem tudo o que é normal é absolutamente natural. "A complexidade do corpo humano depende do facto de ele ser o lugar de convergências de normas naturais e de normas técnicas, ou mesmo tecnológicas. O

■ "Mandelbrot, Benoît: *Les objets fractals - forme, hasard et dimension*, Paris, 1975, p. 182

⁴² Rorty, Richard: *A Filosofia e o Espelho da Natureza*, Publicações Dom Quixote, 1988, p. 140

⁴³ Sergio, Manuel: *Para uma epistemologia da Motricidade Humana*, op. cit., pp. 150/151^v

desporto ilustra bem este exemplo"⁴³. é o todo, como queria Hegel, a verdade Mas há mais: Ricoeur identifica a do treino é a experiencia da **verdade** do percebido com o acto da complexidade humana. Por isso, nao há própria percepção, com o próprio viver um treino paradigmático que nao tenha "num horizonte de mundo". Oucamos em conta o contexto, o global, o Paul Ricoeur: "conjuntamente surge um mmtidimensional, o complexo. Jorge novo plano de verdade, o que diz Silvério e Rafi Srabo, no livro Como respeito à coerência da praxis total do ganhar usando a cabeça - um guia de ser humano, a ordem do seu agir"⁴⁴. treino mental para o futebol, sustentam Assim, a verdade do desporto decorre, que "a capacidade do jogador em campo hoje, da passagem do paradigma car- é igual a talento + técnica + tática + tesiano, onde predominava a redução capacidade física + capacidade do complexo ao simples, ao paradigma mental"⁴⁵. E eu acrescentaria a tudo isto emergente que é tanto informa-cional/ a operacionalizagão pelo jogador do comunicacional corno caoló-gico, mas sistema de jogo proposto pelo treinador, buscando sempre resolver o problema mas em que o jogador, com vontade (ou do uno e do multiplo, ou seja, à desejo) de transcendencia, se torna incerteza do multiplo de redes progressivamente senhor, nao só do interactivas, em construcão per- sistema de jogo, mas também do manente, a certeza de que o futebol é contexto que o permite. Segundo uno na consciência do praticante. Por Heidegger, "o ser é, por essência, finito e isso, ser bom treinador, hoje, é ser só se mostra verdadeiramente na capaz de renovar a problemática do transcendencia da existencia"⁴⁶. Nada se futebol, antes de oferecer um repertório pode fazer de transformador, sem a de soluções e por isso criar urna versão vontade (ou o desejo) de transcender o intersubjectiva de modelo de jogo onde que ai está, dentro de "um número a transcendencia limita o agir, na exacta indefinido de possibilidades" (Carta medida que o torna possível. sobre o Humanismo). Ñas condicões de possibilidade do éxito desportivo, nao

Há que rever a teoria e a metodologia do treino e libertá-lo da estreiteza de demasiadas cargas físicas, para situá-lo ao nivel da totalidade do humano. Se a verdade

há só imitação e aprendizagem, mas também a inovação que o anseio individual de transcendencia comporta.

⁴⁴ Ricoeur, P.: *Histoire et Vérité*, Seuil, Paris, 1964, p. 169

⁴⁵ Silvério, Jorge; Srebo, Rafi: *Como ganhar usando a caheça - um guia de treino mental para o futebol*, Quarteto Editora, Coimbra, 2002, p.41

⁴⁶ Heidegger, M.: *Que es metafísica*, Cruz del Sur, Santiago do Chile, 1983, p.43

A CMH nasce também como reflexão axiológica, amantando que é preciso conjugar um saber sobre o ser humano com uma reflexão sobre o ser humano. Poderá mesmo ser, em termos habermasianos, a CMH uma ciência crítica, unindo o conhecimento e o **interesse?** Julgo que, antes de tudo, ela deverá superar o fosso de comunicação entre as chamadas "humanidades" e o conhecimento científico. Hoje, o dentista há-de ser, em primeiro lugar, um homem culto, quero eu dizer: capaz de fazer a síntese saber-sabedoria e de tal forma que naja saber na sabedoria e sabedoria no saber. E é porque há saber que há evolução e é porque há sabedoria que o processo evolutivo tem sentido. "Mais do que nunca, está a tornar-se impossível contemplar seriamente qualquer questão filosófica ou social, sem a compreensão dos desenvolvimentos recentes da ciência"⁴⁷. Simultaneamente, tendo em conta o nascimento do "conhecimento-emancipação"⁴⁸, importa que não se implemente a incomensurabilidade entre a ciência e os valores, designadamente os axiológicos. A cultura do cientismo, de que se deixaram embeber alguns

técnicos deslumbrados, esquece que "a abertura da ciência a um conjunto mais vasto de conhecimentos e fontes de problema-tizagão"⁴⁹ só pode ser benéfica à própria ciência e é indispensável à construção de um mundo novo, também identicamente fundado.

Daí, que a preparação desportiva precoce, que não há-de confundir-se com a especialização precoce; os problemas associados à psicologia da competição desportiva, tais como a vitória e a derrota, a solidariedade e um narcisismo doentio; a condição física, prioritária em relação à aprendizagem técnico-táctica, e a classificação e avaliação da aptidão física; o desporto como exercício de autonomia, de cidadania, de tolerância; a própria capacidade de performance desportiva e inúmeros outros aspectos desta vasta problemática - deverão saber resolver a questão seguinte: em toda a preparação do atleta (ou do jovem atleta) o desporto é meio ou é fim? O desporto encontra-se aí ao serviço da pessoa humana, ou ao serviço de valores-fetiches? É que até os clubes podem ser simulacros de valores humanizantes se não têm na devida

⁴⁷ Chiroilet, Jean-Claude: *Filosofia e Sociedade da Informação*, Instituto Piaget, Lisboa, 2001, p.179

⁴⁸ Santos, Boaventura de Sousa: *A crítica da razão indolente. Contra o desperdício da experiência*, Edições Afrontamento, Porto 2000, pp. 29-36

⁴⁹ Farmer, J. Doyne: "A Segunda Lei da Organização", in *A Terceira Cultura, Temas e Debates*, Lisboa, 1998, p.338

conta a saúde dos atletas, a sua justa (e atempada) remuneração, a sua integração familiar e social. E, para tanto, não basta uma ciência psicológica do desporto, necessária é também uma filosofia do desporto, onde se questione todo o possível, incluindo o racional, o emocional, o pulsional e onde se reúnem, numa síntese superior, as mais nobres aspirações da pessoa humana.

A CMH, como ciência crítica que pretende ser, visa o esclarecimento (teoria) e a emancipação (prática). Por outras palavras: procura superar a dualidade teoria-prática e o racionalismo fechado do reducionismo cientista, através da condução motora (ou acção), ou seja, através de uma prática que, sem temer a incerteza, o caos, a complexidade, seja simultaneamente razão, sentimento, desejo, sonho, imaginação. Todas as revoluções científicas terminaram sempre com a vitória da filosofia que as motivou e fundamentou. Há hoje uma neo-racionalidade onde ciência e filosofia se complementam! e o imaginário é o presente de uma poesia ausente. Esta neo-racionalidade há-de ressurgir do desporto e da motricidade humana em geral, procurando a construção de um "paradigma da corporeidade"⁵⁰ ou do paradigma da motricidade humana. O corpo e a sua

imagem social ressaltam em todas as condutas motoras (ou acções) na complexidade que elas inevitavelmente são. Assim o treino da força (um exemplo entre muitos) tanto do ponto de vista do rendimento, como tendo em conta o desenvolvimento da aptidão física da população em geral, só terá sentido, se ele for um dos elementos da totalidade-treino e só resultará se, no praticante, se materializar a inter-relação corpo-mente-desejo-natureza-sociedade, sem esquecer-se o simbólico e o imaginário, pois que o treino (e a competição) é um fenómeno tipicamente dialéctico, autêntica unidade de contrários, onde um elemento é perfeitamente inútil, se não se encontra em permanente relação com todos os elementos da mesma totalidade. Mais tarde, ou mais cedo, o desporto e a psicologia do inconsciente (Jung) se sentirão unidos, no anseio que o desporto vive de transcendência, de mais-ser. E o mesmo poderá dizer-se das restantes condutas motoras. Em todas elas, como no desporto, sente-se o contacto numinoso com o sagrado.

E uma interrogação nos questiona, neste passo: é o treino uma pedagogia? Se o sujeito é um "sujeito em diálogo", na linha do pensar de Habermas, a intersubjectividade, ou a reciprocidade entre sujeitos inten-

⁵⁰Braustein, Florence; Pépin, Jean-Francois: *O lugar do corpo na cultura ocidental*, Instituto Piaget, Lisboa, 2001, p.188

cionais, constituirá factor determinante de auto-reflexão e desalienação. O treino será tanto mais pedagógico quanto mais se transformar num espaço aberto ao diálogo e à reflexão crítica, entre os varios elementos que compõem a mesma equipa. Assim, o treino deverá comprometer-se com a criação de estruturas mentais e uma fenomenologia da imaginação (Bachelard), que permitam uma ruptura com o reducionismo antropológico racionalista e com todos os sistemas, onde a voz do treinador, ou o querer do dirigente, despontem sempre como indiscutíveis, indubitáveis, dialéticos. Sem a determinação prévia e dialogante dos objectivos do treino (sem por jamais em causa a autoridade do treinador ou a hierarquia do dirigente); sem a informação minuciosa do plano e do programa das diferentes fases de preparação; sem a criação nos atletas de "motivações socialmente válidas e conformes com os interesses inerentes à sua formação multilateral"⁵¹ - prevalecem a obediência cega de uns e o autoritarismo ostensivo de outros. Eménde-se assim as críticas de Adorno ao desporto, nas **Minima Moralia**, sublinhando o que nele há de deseducativo, isto é, na violencia e no mito (que funda a violencia), que muitas vezes o habitam. Na **Dialéctica do Esclarecimento**, Horkheimer

e Adorno referem que, na Alemanha do seu tempo, os que mostravam uma fé inabalável nas virtualidades do desporto eram precisamente aqueles que mais irreflectido impulso manifestavam pelo militarismo nazi. Quero eu dizer, afinal, que o treino desportivo será pedagógico quando nele se realçar o consentimento informado dos atletas e a dimensão relacional da competencia do treinador, tendo presentes os limites éticos das suas funções. O atleta-pega-função deixou de fazer sentido, em sociedades democráticas, numa nova ética cívica. O seu rendimento, as suas performances háo-de radicar também, nos quatro pilares da educação do futuro: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos, aprender a ser.

A educação é hoje um dos desafios do treino desportivo, do desporto em geral, já que neles estão em jogo atitudes, comportamentos, competências e valores. Outro tanto poderá acrescentar-se, em relação à danga, à ergonomia, à reabilitação. A CMH lembra aos técnicos, em todas estas especialidades, que eles são, necessariamente e por vocação, verdadeiros educadores. A negação deste imperativo seria sinónimo de actividades suicidárias, incapazes de responderem às mais instantes

⁵¹ Varios, Autores: *Metodologia do Treinamento Desportivo, Associando Nacional de Treinadores de Basquetebol, ISEF, Lisboa, 1981, p.385*

interpelacões da História. Quem pensa a conduta motora (ou accão) como a energia para o movimento centrífugo e centrípeto e intencional da transcendência (ou da superação) não se preocupa unicamente com problemas epistemológicos, mas também com a sua inserção no novo paradigma cultural, onde se procura aliar o rigor científico (embora a ciência não passe de simples interpretação, como diz Gadamer) à consciência social. No que ao desporto concerne, há demasiada ausência de referências, há uma declarada ditadura do efémero, na sua prática mais publicitada e propagandeada. O desporto tem de surgir como um grande movimento emancipador onde se garanta uma prática com a coragem de experimentar, no terreno, o que hodiernamente significam justiça, liberdade e cidadania. O desporto é, de facto, um conhecimento científico (é, para mim, um dos ramos da CMH). Só que, para conhecer, há um encadeamento (ou rede) de processos cognitivos, emotivos e afectivos. E, como tal, não basta a ciência que Habermas denuncia em Técnica e ciência como "ideologia" - a ciência afinal do positivismo. Habermas procura mesmo demonstrar que as ciências sociais requerem, sobre o mais, normas e não tão-só os métodos propugnados

pelo cientismo. Vivemos, de facto, num mundo simultaneamente informacional e global, mas onde a "organização científica da sociedade" (Renán) não se confunde tão-só com o detenninismo das leis, com a ordem e a medida da razão, com o predomínio do esprit **de** géométrie sobre o esprit **de** finesse. São hoje insuficientes uma ciência sem filosofia e uma filosofia puramente especulativa.

É louvada a longanimidade e tolerância de alguns treinadores, de alguns técnicos de saúde, que sabem criar um ambiente propício a boas performances, tanto no campo desportivo, como no trabalho ou na saúde e, ao mesmo tempo, parecendo navegar, nesta matéria, como nautas inscientes. "Transformar o **ele** impessoal pelo nos autêntico, sem recorrer a substitutos ideológicos, como a religião, a pátria ou a nação é uma das tarefas mais difíceis e mais urgentes, ñas democracias modernas"³². E eu acrescentaria: e no âmbito da Motricidade Humana também. Só que, quando se teoriza ou pratica a CMH, encontramos-nos no âmbito das ciências humanas e, se é indubitável a necessidade do apoio empírico em todas as accões (desportivas ou não) surge frequentemente aquilo

⁵² Irwin, Alan: *Ciência Cidadã, Instituto Piaget, Lisboa, 1998, p.249*

⁵³ Bourdieu, Emmanuel: *Savoir Faire - contribution à une théorie dispositionnelle de l'action, Éditions du Seuil, Paris, 1998, p. 195*

que Emmanuel Bourdieu chama "a dimensão pragmática da crença"⁵³. De facto, em qualquer conduta, há uma base de explicação decorrente de vivências individuais e assim os cientistas descobrem surpresas que, com métodos não-científicos, também há vitórias, também há êxitos. Wittgenstein confundiu a Rhees que, após a leitura atenta de Freud, passou a ver as coisas de outra forma⁵⁴. Até o mito confere valor à existência, dado que *mythos* e *logos* são as duas metades fundamentais da existência. Por outro lado, é bom ter sempre em conta a influência da *tékhné* na *epistémé*. Os problemas práticos são muitas vezes a base do conhecimento teórico.

As actividades do corpo docente, numa Faculdade, distribuem-se por quatro categorias principais: a docência, a investigação, a extensão e a gestão. Na Magna Carta Universitatum, assinada pelos reitores das mais prestigiadas universidades europeias (Bolonha, 1988-9-18) assinala-se que o ensino e a pesquisa, nessas universidades, devem ser inseparáveis. Mas... qual o paradigma a investigar? Wittgenstein, tal como Heidegger, viu na pesquisa científica

do século XX um declarado triunfo do niuismo⁵⁵. No caso da motricidade humana, estamos em pleno reino do humano, onde cabe desde a severa disciplina dos métodos experimentais (visível na Anatomia-fisiologia, na Fisiologia do Esforço, na Bioquímica, na Biomecânica, na Neurofisiologia, etc.) até as estruturas antropológicas do imaginário⁵⁶. Bachelard, n' *A Poética do Espaço*, assevera que tudo o que pode esperar-se hoje da filosofia é tornar a poesia e a ciência complementares. Daí que, nos cursos de motricidade humana, os centros de investigação e os currículos não deverão esquecer que as condutas motoras (ou acções) não têm o mesmo estatuto das ciências da natureza, fundadas ontologicamente por Descartes e portanto com a ideia fixa de que a ciência poderá exprimir e conhecer a realidade "em si", distante e distinta do sujeito. Ora, se não vejo miragens no deserto, o estudo sistemático dos sistemas complexos representa a terceira revolução científica, já que o peso de Galileu e Newton (a primeira revolução científica) e da teoria da relatividade (a segunda revolução científica) não bastaram para dirigir as rédeas do futuro. Sem que o que

⁵⁴ Bouveresse, Jacques: *Philosophie, Mythologie et pseudo-science - Wittgenstein lecteur de Freud*, Éditions de l'Éclat, 1996, p. 13

⁵⁵ *Idem*, *ibidem*, p. 19

³⁰ Cfr. Durand, G.: *As Estruturas Antropológicas do Imaginário*, Martins Fontes, S.Paulo, 1996

⁵⁷ Bouveresse, Jacques: *Essais II - l'époque, la mode, la morale, la satire*, Agone Éditeur, Marseille, 2001, p.156

venho de escrever signifique menor respeito pelos métodos tradicionais da ciencia experimental. Afinal, ela, no essencial, continua a fazer-se (e a ser imprescindível), no je como dantes. Jorge Dias de Deus observa, no seu hvro (da editora Gradiva), Da Crítica da Ciencia á Negacáo da Ciencia: "a ciencia nunca teve que ver com certezas, a menos que se queira incluir na ciencia as ideologías que a queriam transformar em mais urna religiáo. A ciencia tem que ver com experimentacáo e consistencias lógicas:é rudo".

A complexidade anuncia novos modelos matemáticos, novas técnicas de programacáo e novas imagens da natureza. E um novo desporto? E nova ergonomia? E nova reabilitacáo? E urna dança nova? O "fim das certezas" (Prigogine) significa, emprimeiro de tudo, que o conhecimento científico diz "sim" á vida na multiplicidade das suas formas e solicitacões. No dia em que as licenciaturas em motricidade humana conseguirem ultrapassar o exclusivismo da especializacáo excessiva, para concederem prioridade ao ser humano, na sua integralidade, cumprirão cabalmente as suas funcões e ajudaráo a formar-se muitos dos cientistas e técnicos de que o mundo hodierno necessita. A obsolescencia rápida do saber obriga a redefinir as relacões entre o ensino e a investigacáo científica. Só que esta, na motricidade humana, deve ser levada a cabo por verdadeiros humanistas, empenhados em efectiva pes-

quisa. Já em 1974, no seu livro Um Rumo para a Educacáo, escrevia Vitorino Magalhães Godinho: "Qualquer das ciencias humanas requiere indispensavelmente o dominio do oficio - a aprendizagem das suas técnicas, a intimidade com os seus problemas, a agilidade na perspectivagão, a prática demorada em companhia dos outros investigadores, trocando impressões e sugestões. Ajudando e sendo ajudado. O amadorismo em Historia como em Economia, em Sociologia como em Psicologia (...) só tinha razáo de ser na fase pré-científica. Hoje, a iniciacáo em qualquer destes ramos é tao espirino sa como na Química ou na Biología, na Matemática ou na Física" (p.115).

A CMH é logicamente urna ciencia humana... que até nem é largamente tributaria do estrangeiro porque, nos moldes em que eu a defendo, nasceu em Portugal e no Brasil. E tem um método próprio - o método integrativo! E a sua filosofia - a filosofia da accáo e da intersubjec-tividade! Na CMH, a própria teleologia biológica é cultural! Nela, o pensamento procede da accáo, ou melhor, da própria vida, urna fonte de perpétua actividade que dialécticamente se vai elevando a consciéncia de si mesma. Pela motricidade humana, a consciéncia é convidada a assumir tudo o que a precede, a iluminar o nada com a emergencia de infinitas possibi-lidades. Nao esqueco que Jacques Bouveresse aconselha os filósofos a que possuam o mínimo de

competencia técnica, como condicáo necessária (se bem que nao suficiente) á utilizagáo da linguagem científica⁵⁷. E daí eu terminar este ensaio, com um exame de consciéncia. Mas nao o quero findar, sem lembrar o flya Prigogine do seu último livro: "NOS vivemos o dealbar da ciencia. Partilhar esta surpresa com os jovens é um dos votos que eu adianto, com frequéncia, no Outono da minha vida"⁵⁸. Se nao laboro em erro grave, o desporto, a danga, a ergonomia, a reabiütagáo devem aceitar como pacíficos os anseios de Prigogine. A revolugáo do conhecimento pros-segue hoje por outros caminhos que nao os anunciados por Galileu, Descartes, Newton e Kant, assim como a filosofia nao é aquela que Marx previu⁵⁹. Por que nao dizemos nos que a Motricidade Humana (repito: o desporto, a danga, a ergonomia, a reabilitagáo) há-de ser outra? É que a ciencia já nao é copia tão-só, mas transfiguragáo da realidade.

Nunca, como actualmente, a prática e a teoría se interpelaram. "O ensaio das rearticulagões que poderiam fundamentar urna teoría da acgáo necessita do desenvolvimento de teorías de longo alcance, de pesquisas empíricas, mas exige também urna nova relagáo entre teoría e

acgáo, na medida em que esta é, por definigáo, sistêmica, integrada, mmtidimensional e só eia pode dar conta da unidade complexa dos fenómenos sociais que a ciencia fragmenta"⁶⁰. Luis Marques Barbosa assevera que "a prática vé a sua teoria emergir de urna funcionalidade em que o saber-fazer e saber—-estar, fundindo-se cada vez mais, apelam à capacidade de saber antecipar situagões, caracterizando em cada momento presente, de forma sistematicamente mais adequada, tanto os objectos como os objectivos a realizar"⁶¹. Importa ainda referir o seguirne, na esteira de João Arriscado Nunes: é que "se o inconformismo, a crítica, a rebeldía contra as autoridades religiosas ou políticas tiveram um papel central na origem das ciencias modernas, nao é menos verdade que estas tiveram sempre a ambigáo de conhecer o mundo, para o dominar e transformar, através de urna forma de poder, que passava a ser legitimada pela referencia á busca da verdade"⁶². Isto, para acrescentar que nao é nosso intuito teorizar, perspectivando e anteci-pando urna prática repressiva e fechada em si mesma, mas acima do mais sublinhando um novo modelo de cientificidade, numa área que dele

⁵⁸ Prigogine, Ilya: *L'Homme devant l'Incertain*, Éditions Odile Jacob, Paris, 2001, p.23

⁵⁹ Lefebvere, Henri: *Métaphilosophie*, Éditions Syllepse, Paris, 2001, p.38

⁶⁰ Guerra, Isabel: in *Revista Crítica de Ciencias Sociais*, Coimbra, Outubro de 2002, p.50

⁶¹ Barbosa, Luis Marques: *Ensaio sobre o Desenvolvimento Humano*, Instituto Piaget, 2002, p. 55

⁶² Nunes, João Arriscado: in *Revista Crítica de Ciencias Sociais*, op. cit., p. 189

carece. Vivemos na "sociedade de risco" puramente filosófico que seja a base de (Ulrich Beck) e portanto eu corro este um conceito universal de moralidade e risco de recusar a Educação Física que nenhuma razão transcendente tem sido um saber simplesmente universal, pura que poderia dar lugar a instrumental e achantar a ciência da leis morais universais"⁶³. Não Motricidade Humana (CMH) onde a tombando no exagero destes autores Educação Física se encontra integral, que opõem a metafísica à neurobiologia, mas superada. E respeitando sempre ou a neurobiologia á metafísica, há que quem fez (e faz) da Educação Física a ter em conta, superando embora sua vida e a sua utopia. E tentando qualquer integrismo neurobiológico ou mesmo não esconder ou desacreditar metafísico, que é preciso caminhar em qualquer alternativa á CMH. Vivemos, direcção a urna nova perspectiva como o acentuam Prigogine, na sua paradigmática, que a CMH anuncia, em conhecida obra *O Fim das Certezas* e que a categoria de relação seja bem Wallerstein, em livro ainda não mais importante do que a de substancia. traduzido para o português, *The End of the World as We Know It: Social Science* que o substancialismo biológico ou o of the Twenty-First Century - vivemos substancialismo metafísico não num mundo de tal modo complexo que abrangem. É na relação metafísica-nada pode compreender-se ou explicar-biologia que o ser humano melhor pode se adequadamente, através de urna única conhecer-se. Em obra colectiva, ca teoria geral, através de urna lógica organizada por Evan Thompson, este obsessiva e teimosa. Demais, a historia mesmo autor escreve no prefacio: "o de qualquer ciencia não tem o sentido recente ressurgir do interesse pela que hoje lhe descobrimos. Ao invés, cons-ciência centra-se, sobretudo, na ficaria excluída a possibilidade de relação entre as perspectivas da pensar-se o futuro...que é, também, consciência relacionadas com a primeira inesperado e incerto! pessoa e com a terceira pessoa, sendo frequentemente esquecidas as

G. Lakoff e M. Johnson, chegam ao extremo de adiantarem que "não temos nenhuma liberdade absoluta no sentido de Kant, nenhuma plena autonomia. Não há nenhum a priori

dimensões intersub-jectivas einterpessoal da experiencia consciente"⁶⁴. Estou certo que Evan Thompson não pretende recuperar as velhas teses dualistas da

⁶³ Lakoff, G. E Johnson, M.: *Philosophy in the Flesh*, Basic Books, New York, 1998, pp. 3-4

⁶⁴ Thompson, Evan: *Between Ourselves. Secound-Person Issues in the Study of Conscientiousness*, Imprint Academy, Thoverston, 2001

superioridade absoluta do sobrenatural sobre o natural. Do ser humano emerge uma complexidade onde o corpo é espírito e o espírito é corpo, onde liberdade e determinismo dialécticamente se condicionam. A invengão ou a **poieses** materializa-se, para que seja visível a descontinuidade e... a transgressão! No desporto, o grande atleta é o grande transgressor, pois que as condutas desportivas não podem resumir-se a uma lógica única. O génio cria espagos, para além da razão. Há treinadores comprometidos com a elaboração dogmática de **universais**, ou com uma lógica mecanicista de leis e metodologias. Ora, a prática desportiva é um texto e um contexto, onde se inserem o subjectivo e o objectivo e portanto onde a incerteza predomina. Ler o texto da linguagem corporal de um praticante desportivo integra pequenas descrições, breves citações e muitas interpretações. As explicações de carácter geral, que afinal interessam ao conhecimento científico, formulam-se só e quando podem comparar-se as condutas individuais com as regras básicas da modalidade, tal como sucede com as estruturas elementares da língua, em relação ao discurso falado. E tenriino com uma interrogação: como se produz, na prática desportiva, a passagem da explicação à compreensão, do empírico ao teórico, do figurativo ao temático? Creio que li, em Bergson, já não sei onde: que é preciso actuar como um "homem de pensamento" e pensar como um "homem de acção"...